

Críticas do México à política monetária

WASHINGTON — O presidente do México, Miguel de la Madrid, discursando perante as duas casas do Congresso dos Estados Unidos, protestou energicamente ontem contra as políticas monetárias, fiscais e comerciais das nações industrializadas, afirmando que "países esperam ser tratados com justiça".

"Como, então, podemos explicar que países em desenvolvimento estão sendo intimados a reduzir seus gastos públicos enquanto outros países utilizam um déficit crescente como alavanca para sua recuperação?", perguntou o presidente mexicano no seu terceiro dia de visita oficial a Washington. Ele tinha outras perguntas a fazer:

"Como podemos aceitar que um aumento unilateral nas taxas de juros anule os grandes esforços feitos no reajuste econômico, acompanhado por um padrão de vida decrescente? Dentro da interdependência, como podemos justificar os poucos que gozam de prosperidade, enquanto a maioria é afligida por limitações e sacrifícios?"

De la Madrid afirmou que as nações em desenvolvimento parecem estar aprisionadas num círculo de ferro de dívida e cancelamento do progresso. "As altas taxas de juros diminuem os investimentos, reduzem a capacidade de exportar e assim tornam impossível um fluxo maior de divisas", disse o presidente mexicano.

De la Madrid disse que o México está realizando grandes esforços para reordenar sua economia. Em 1983, explicou, o governo conseguiu conter o aumento dos preços e reduzir o déficit do setor público de 18% do Produto Interno Bruto (PIB) em

1982, para 8,5%. "Entretanto", observou, "o custo social dos tempos difíceis que experimentamos tem sido alto. Pela primeira vez em 40 anos, a economia mexicana regrediu e nosso povo viu seu padrão de vida declinar".

O presidente reconheceu que as dificuldades do México e da região derivam de fatores domésticos. Mas há também, salientou, elementos decisivos para a crise na estrutura da economia internacional. "Dívida externa, altas taxas de juros e o crescente protecionismo praticado pelas economias avançadas são, ao mesmo tempo, causa e efeito da crise", afirmou.

De la Madrid lembrou que o Congresso dos Estados Unidos, ao aprovar o aumento da contribuição para o FMI, havia proclamado a necessidade de se explorar um conjunto de medidas que ampliasse o prazo para o pagamento da dívida e reduzisse as taxas de juros, além de propor que o serviço da dívida não ultrapassasse uma razoável porcentagem da receita das exportações, a fim de aliviar o impacto social dos programas de ajustamento. "Infelizmente, o curso dos acontecimentos tomou outra direção", afirmou.

O presidente mexicano disse ainda ao Congresso dos Estados Unidos que, diante das urgentes necessidades de desenvolvimento, "é absurdo desperdiçar recursos numa corrida armamentista que coloca em perigo a sobrevivência da Humanidade". "As superpotências", argumentou, "têm a inevitável responsabilidade de garantir que a história continue e de contribuir para que desapareçam as lamentáveis consequências do atraso e da marginalização."

A.M.P.N